

TRANSGERACIONALIDADE E PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO DE SELF: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA DO FILME “VIVA: A VIDA É UMA FESTA”

TRANSGENERATIONALITY AND THE SELF-DIFFERENTIATION PROCESS: A SYSTEMIC PERSPECTIVE OF THE MOVIE 'COCO'

Tuany Santana¹
Andreia Martins²

RESUMO: As relações humanas envolvem o equilíbrio entre duas forças antagônicas: a diferenciação e o pertencimento, sendo que a diferenciação desempenha um papel crucial na saúde das pessoas. Nesse sentido, os elementos transgeracionais conectam ao sentimento de pertencer e quando internalizados, sem um processo de elaboração pessoal, podem obstaculizar a capacidade do sujeito de se diferenciar e desenvolver a própria autonomia, tornando-o vulnerável ao adoecimento. O presente estudo tem a finalidade de investigar como a transgeracionalidade familiar pode interferir no processo de diferenciação de *self*, adotando uma perspectiva Sistêmica e pautada na teoria de Murray Bowen. Para tal propósito, realizou-se uma análise documental do filme "Viva: A Vida é uma Festa", que retrata a história de Miguel e sua família: os Rivera. Os objetivos específicos compreendem descrever o processo de diferenciação de *self* do protagonista e também os comportamentos dos membros da família que correspondem a aspectos transgeracionais; aprofundar o conceito de corte emocional como forma de lidar com a indiferenciação; e verificar as inter-relações de tais conceitos teóricos. A partir da análise do referido filme, percebe-se que o protagonista diferencia seu *self* à medida que questiona e se posiciona em relação a elementos transgeracionais transmitidos pelo do sistema familiar, caminhando rumo à própria realização e autonomia e encontrando seu equilíbrio entre tais forças, o que permite níveis mais elevados de satisfação pessoal e saúde, tanto psicológica, como relacional.

Palavras-chave: transgeracionalidade; diferenciação; pertencimento; Abordagem Sistêmica

ABSTRACT: *Human relationships involve a balance between two antagonistic forces: differentiation and belonging, with differentiation playing a crucial role in people's health. With that in mind, transgenerational elements connect to the feeling of belonging and when internalized, without a process of personal elaboration, they can hinder the subject's ability to differentiate themselves and develop their own autonomy, making them vulnerable to illness. This study aims to investigate how family transgenerationality can interfere in the process of self-differentiation, adopting a systemic perspective and based on Murray Bowen's theory. For that, a documentary analysis was carried out of the movie "Coco", which portrays the story of Miguel and his family: the Riveras. The specific objectives are to describe the process of differentiation of the protagonist's self and also the behaviors of the family members*

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da UNIFEBE. E-mail: tuany.santana@unifebe.edu.br

² Professora orientadora Doutora em Psicologia. E-mail: andreia.martins@unifebe.edu.br

that correspond to transgenerational aspects; to delve into the concept of emotional cut-off as a way of dealing with undifferentiation; and to verify the interrelationships of these theoretical concepts. Based on the analysis of the film, it can be seen that the protagonist differentiates his self as he questions and positions himself in relation to transgenerational elements transmitted by the family system, moving towards his own fulfillment and autonomy and finding his balance between these forces, which allows for higher levels of personal satisfaction and health, both psychological and relational.

Keywords: *Transgenerationality; Differentiation; Belonging; Systemic Approach*

1 INTRODUÇÃO

A família como a primeira rede de contato do indivíduo, pode contribuir para seu desenvolvimento mais ou menos saudável. Conforme cresce, o indivíduo reproduz aprendizagens adquiridas dentro do contexto familiar, muitas vezes sem concordar com essa repetição ou, em muitos casos, sem nem mesmo se dar conta (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa). Como descreve Schutzenberger (1997), cada sujeito vive prisioneiro em uma teia invisível da qual também age como construtor e mantenedor, o que cerceia a liberdade à medida que permanece fora do alcance da consciência.

A transgeracionalidade inclui ensinamentos conscientes, bem como programações automáticas e inconscientes de reações e comportamentos emocionais transmitidos de pais para os filhos, por meio da sobreposição de inúmeras camadas interconectadas. Assim, os padrões são transmitidos, tanto de forma relacional, quanto genética, e é nessa interação que a diferenciação do *self* dos membros da família se constitui (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

A literatura apresenta algumas nomenclaturas referentes ao processo de transmissão multigeracional, como transgeracionalidade, intergeracionalidade e multigeracionalidade. O prefixo 'inter' remete a ideia da passagem de uma geração à outra, no entanto não há uma ideia de permanência nas gerações sucessivas. O 'multi' remete aos muitos ou numerosos processos que podem ser passados entre gerações, mas não há uma noção de ligação entre esses elementos. Quanto ao prefixo 'trans', diz respeito aos componentes que se fazem presentes, repetindo-se ao longo das gerações dentro da história familiar (Wagner, 2014). Portanto, o termo transgeracionalidade mostra-se mais apropriado para falar sobre o processo de transmissão multigeracional, pois indica que ocorrem repetições ao longo das gerações.

Portanto, como hipótese, infere-se que compreender elementos do processo da transgeracionalidade possibilita intervenções psicológicas que contribuam para ressignificações necessárias a nível individual. Além de viabilizar um caminho a novos comportamentos que, num contexto macro, impactam na forma de funcionamento da sociedade constituída (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa), considerando a premissa sistêmica de que a mudança em uma das partes do sistema reverbera em mudanças no contexto, no ambiente e nas relações das quais o sujeito faz parte (Vasconcellos, 2013).

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo geral investigar como a transgeracionalidade familiar pode interferir no processo de diferenciação de *self* a partir da análise do protagonista do filme "Viva: A vida é uma festa", sob a perspectiva da abordagem Sistêmica, com base especialmente na teoria de Murray Bowen,

conhecida como Escola Transgeracional. Os objetivos específicos compreenderam descrever o processo de diferenciação de *self* do protagonista e também os comportamentos dos membros da família que correspondem a aspectos transgeracionais, aprofundar o conceito de corte emocional como forma de lidar com a indiferenciação e verificar as inter-relações dos conceitos teóricos.

A Escola Transgeracional é amplamente reconhecida e utilizada como fundamento da prática clínica no atendimento individual e familiar, no entanto, as principais obras de Bowen ainda não são encontradas traduzidas para português (Otto; Ribeiro, 2020). Considerando a importância da diferenciação de *self* para a saúde psicológica do indivíduo, especialmente dentro deste recorte teórico, três conceitos da Escola Transgeracional são enfatizados: diferenciação de *self*, transgeracionalidade e corte emocional, proporcionando a discussão dos conceitos teóricos em português.

As relações humanas envolvem o equilíbrio entre duas forças fundamentais: a individuação e o pertencimento (*ibidem*). A força de individuação, diz respeito ao processo de diferenciação do *self* e envolve a autonomia do indivíduo, sendo a diferenciação não apenas uma qualidade do indivíduo, mas também de relacionamentos (Nichols; Schwartz, 2007). O pertencimento remete ao processo de transmissão multigeracional, um dos conceitos centrais da teoria de Bowen, o qual fundamenta a Escola Transgeracional (Costa, 2010).

O protagonista do filme, Miguel Rivera, em sua jornada, descobre segredos da família, desvenda as origens de sua paixão pela música e toma decisões que envolvem seu processo de diferenciação, enfrentando o risco e o medo do não pertencimento. A história aborda temas de tradições familiar e cultural, lealdades para com a família e possibilita a reflexão sobre a importância do conhecimento das histórias anteriores ao próprio nascimento como um caminho para a autodescoberta, e assim, para a diferenciação de *self*.

A participação da família na construção dos conflitos e sofrimentos experimentados pelos indivíduos perpassa estudos e interesses desde os primórdios das ciências psicológicas. A relação de interdependência dos indivíduos com suas figuras parentais já repercutia nos estudos de casos e escritos de Freud, quando investigava traços concernentes às relações parentais de seus pacientes. Com o passar do tempo, a família foi ganhando papel relevante e, enfim, o protagonismo da família emerge no atendimento clínico (Bucher-Maluschke, 2008).

O escopo da abordagem Sistêmica no contexto familiar é resultado da configuração de diversas abordagens, métodos, clientes e contextos constituídos entre meados das décadas de 1950 e 1970 (Bucher-Maluschke, 2008). Tais abordagens, emergiram na ausência de um modelo integrador, resultando em progressos conceituais diferentes na jornada em busca de narrativas e elucidações dos dilemas específicos e desafios no campo clínico, a partir de uma base orientadora: o Pensamento Sistêmico (Grandesso, 2008).

No decorrer das últimas cinco décadas, os estudos da abordagem Sistêmica na ambiência familiar, tiveram importantes contribuições. Inicialmente o trabalho das comunicações esteve em foco, desenvolvido pela Cibernética e pela Teoria Geral dos Sistemas, por volta dos anos de 1960. Nas décadas de 1970 e 1980, surgiram as primeiras escolas, a Escola Estratégica e a Escola de Milão. Na década seguinte, novos enfoques interpretativos e discursivos contribuíram com a ampliação do arcabouço teórico e, em 2000, a Abordagem Sistêmica orienta-se para a família na

relação com sistemas mais amplos, como a sociedade e suas instituições (Costa, 2010).

Dentre as escolas mais importantes está a Escola Transgeracional, a qual serve de base teórica para este artigo. Bowen considera que a família é o contexto central do desenvolvimento humano e as aprendizagens sobre como podemos comunicar o que sentimos ou como devemos nos portar no mundo, são desenvolvidas nas primeiras relações, que ocorreram no contexto do sistema familiar. Desta forma, investir no conhecimento familiar é importante para tornar consciente o quanto certos mandamentos são obedecidos sem a devida clareza das motivações (Almeida, 2016).

Nas próximas páginas, será apresentada uma breve explanação histórica sobre a Terapia Familiar Sistêmica, seguido pela apresentação da Escola Transgeracional. Posteriormente, os conceitos de diferenciação de *self* e transgeracionalidade são aprofundados, assim como o conceito de corte emocional. O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos e o capítulo quatro consiste na discussão entre elementos do filme e os conceitos teóricos da Escola Transgeracional, tecendo as interconexões conceituais. Por último, apresentam-se as considerações finais.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA

A teoria Sistêmica, influenciada pelo Pensamento Sistêmico, Teoria Geral dos Sistemas, Cibernética e Pragmática da Comunicação Humana, representa uma abordagem psicológica que incorpora perspectiva ampla e contextualizada para entender fenômenos psicológicos. Essa perspectiva contrasta os pressupostos epistemológicos da ciência tradicional com a ciência nova-paradigmática, centrando-se em três princípios: complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Isso implica na compreensão de que a vida é influenciada por múltiplas variáveis, é imprevisível devido às constantes transformações e é co-construída envolvendo também o observador, tornando impossível o conhecimento puramente objetivo da vida (Vasconcellos, 2013).

Ao longo de séculos, o paradigma mecanicista, fundamentado no pensamento cartesiano, exerceu influência significativa na cultura ocidental, resultando no modelo biomédico, que considera o corpo humano como uma máquina composta por partes, tendendo a negligenciar aspectos emocionais e sociais (Almeida, 2016). A abordagem Sistêmica, por sua vez, amplia o *locus* do indivíduo para o contexto interpessoal, destacando que as queixas e conflitos individuais podem ser produtos dos relacionamentos (Nichols; Schwartz, 2007).

A Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Ludwig von Bertalanffy, combina princípios do Pensamento Sistêmico com a Biologia, enfatizando a interdependência e interação dos elementos de um sistema, resultando na não somatividade, na hierarquia e na formação de subsistemas (Costa, 2010). Os sistemas podem ainda ser abertos ou fechados, dependendo da capacidade de receber e responder a informações novas, mantendo seu equilíbrio - homeostase - por meio do *feedback*. As interações intersistêmicas envolvem fronteiras simbólicas que delimitam sistemas e subsistemas, permitindo comunicação, adaptação e evolução através da retroalimentação (Nichols; Schwartz, 2007).

A Cibernética, por sua vez, ficou conhecida como a 'teoria das máquinas', num amplo sentido, considerando a máquina mecânica, eletrônica, econômica, neural e social. Apesar de suas origens mecanicistas, influenciou a abordagem Sistêmica ao explorar os circuitos de *feedback* e autorregulação em sistemas, incluindo a

comunicação e influência do conteúdo informado (Vasconcellos, 2013). A Cibernética permaneceu dentro dos parâmetros da ciência tradicional, enquanto a abordagem Sistêmica valoriza a interconexão entre as partes do todo, considera a subjetividade das artes para o desenvolvimento humano, complementando a racionalidade científica (Almeida, 2016).

As bases do pensamento mecanicista foram questionadas e reformuladas com a emergência da Física Moderna, especialmente com a Teoria da Relatividade e a Teoria Quântica. Essas teorias revolucionárias desafiaram os conceitos fundamentais do paradigma cartesiano e da mecânica newtoniana. A Física Moderna revelou a dualidade da matéria e a importância da probabilidade, desfazendo a concepção de objetos sólidos e demonstrando que, em níveis subatômicos, a realidade é composta por padrões ondulatórios de probabilidades. Essas descobertas permitiram uma nova compreensão da vida cotidiana, enfatizando que a existência humana é intrinsecamente social e interdependente (*ibidem*).

Nesse sentido, cabe a epistemologia do Pensamento Sistêmico, na qual o comportamento do todo é mais do que a soma dos comportamentos das partes ou indivíduos, não é possível uma explicação linear para os fenômenos psicológicos observados, predominando a interdependência e a influência mútua (Nichols; Schwartz, 2007).

Dentro da Psicologia Sistêmica constituíram-se diferentes escolas a partir de focos específicos e conceitos próprios que contribuíram com a prática clínica (COSTA, 2010). Dentre as escolas mais importantes para a Terapia Familiar, está a Sistêmica de Bowen ou Escola Transgeracional, defendendo a família como *locus* do desenvolvimento humano e buscando respostas para as demandas familiares na relação entre as gerações (Otto; Ribeiro, 2022).

Bowen defende que as relações humanas demandam o equilíbrio entre duas forças fundamentais: a individualidade e a proximidade, ou diferenciação e pertencimento. A força de individuação diz respeito ao processo de diferenciação de *self*, que envolve a autonomia do indivíduo, e a força de pertencimento está relacionada ao processo de transmissão multigeracional, conceito central da abordagem de Bowen, o qual fundamenta a Escola Transgeracional (Otto; Ribeiro, 2020), aprofundada no tópico a seguir.

2.1 ESCOLA TRANSGERACIONAL

Murray Bowen foi um psiquiatra especializado em esquizofrenia e contribuiu significativamente para o desenvolvimento da Terapia Familiar. Diferenciando-se de outros fundadores, Bowen deu grande ênfase à teoria em seu trabalho, sendo reconhecido como o autor do sistema de ideias mais frutífero na Terapia Familiar. No início da carreira clínica, em 1946, Bowen estudou mães e seus filhos esquizofrênicos, na *Menninger Clinic*, tendo como principal interesse a simbiose mãe-criança. A partir daí, compreendeu que relacionamentos fundidos produzem falta de autonomia pessoal, linha de estudo que levou ao conceito de diferenciação de *self* (Nichols; Schwartz, 2007).

Posteriormente, no *National Institute of Mental Health* (NIMH), Bowen desenvolveu um projeto de hospitalização de famílias inteiras com membros esquizofrênicos. A partir desses estudos, ampliou o conceito de simbiose mãe-criança, incluindo o papel do pai, e introduziu o conceito de triângulo, que consiste em aliviar o conflito entre duas pessoas ao envolver uma terceira na relação. Bowen

identificou implicitamente a problemática da esquizofrenia em uma dinâmica de ego familiar indiferenciado³, estendendo sua análise além da família nuclear ao abranger três gerações (*ibidem*).

Em 1959, Bowen deixou o NIMH e assumiu o cargo de professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina *Georgetown*, dirigindo seu próprio programa de treinamento até seu falecimento em 1990. Ele reconheceu que a família constituía a unidade primária de disfunção e, assim, tornou-se pioneiro da Terapia Familiar em 1955. Conduzia sessões de terapia em grupos amplos, envolvendo toda a equipe do projeto e todas as famílias participantes, sustentando a ideia de que proximidade e comunicação franca tinham caráter terapêutico para as questões familiares e para as interações com a equipe. Por último optou em realizar sessões individuais para cada família, enquanto as demais permaneciam como observadoras (Nichols; Schwartz, 2007).

Para Bowen, as relações humanas envolvem o equilíbrio entre duas forças fundamentais e antagônicas: individuação e pertencimento. Essas forças estão interligadas por meio de oito conceitos que moldam as interações familiares como uma rede de relacionamentos multigeracionais. Esses conceitos incluem a diferenciação do *self*, a formação de triângulos, o processo emocional da família nuclear, o processo de projeção familiar, o processo de transmissão multigeracional, a posição de nascimento entre os irmãos, o corte ou rompimento emocional e o processo emocional societário (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

Bowen infere que os terapeutas não são imunes à força dos conflitos familiares e percebeu a tendência em incluir um terceiro quando duas pessoas não conseguem resolver um conflito, constituindo o triângulo, visto como a menor unidade de relacionamento estável. A principal influência sobre a formação e ativação de um triângulo é a ansiedade dentro do sistema, um dos principais aspectos da teoria. Quando não há um alto nível de ansiedade, o relacionamento entre duas pessoas pode ser calmo e confortável, no entanto quando um conflito se instaura e permanece por um longo tempo, uma terceira pessoa pode ser incluída na relação como forma de dissipar a ansiedade distribuindo-a entre as relações formadas pelo triângulo, o que possibilita a redução do seu nível (Nichols; Schwartz, 2007).

A triangulação não é estática, mas um processo dinâmico no qual a figura de um excluído sempre emerge. Uma vez que o nível de ansiedade reduz e a relação entre os pares torna-se novamente possível, o terceiro é afastado, gerando certo nível de desconforto ao que está de fora. Diante disso, o excluído tenta se aproximar de um dos pares, até que algo aconteça e o nível de ansiedade aumente, ocasionando a reinsertão do terceiro. Em outros momentos, quando a situação torna-se emocionalmente tensa e sobrecarregada, a posição de fora pode ser a mais desejada (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

O conceito de processo emocional em uma família nuclear descreve como os padrões de funcionamento emocional e os relacionamentos entre os membros da família podem contribuir para o desenvolvimento de sintomas clínicos em um ou mais membros do sistema. São consideradas três categorias principais de disfunção em

³ A dinâmica de ego familiar indiferenciado diz respeito ao conceito de massa de ego familiar, um conjunto fundido de egos, sugerindo uma união emocional da família que inclui os membros mais envolvidos na interdependência emocional. A massa de ego, quando indiferenciada, diz de uma fusão entre os membros equivalente a um único ego. No estado de fusão, a diferenciação dos indivíduos está em baixo nível da escala, o que prejudica a autonomia individual (BOWEN, 1993, tradução nossa).

famílias nucleares: doença em um cônjuge, conflito conjugal e comprometimento de um ou mais filhos. A ansiedade e o nível de diferenciação de *self* desempenham um papel crucial na vulnerabilidade de um sistema de relacionamento ao desenvolvimento de sintomas (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

Os padrões de funcionamento emocional em uma família nuclear são moldados pela falta de diferenciação entre os membros, ocasionando processos como externalização de ansiedade no relacionamento conjugal, o que resulta em conflito nesse subsistema, ou a disfunção de um cônjuge ou uma criança, desencadeando sintomas. Esses padrões não causam diretamente doenças, mas influenciam a capacidade de um indivíduo de se adaptar a fatores que podem precipitar doenças. Portanto, a compreensão dos processos emocionais em famílias nucleares ajuda a explicar como os relacionamentos e as dinâmicas das família podem influenciar a saúde emocional e física de seus membros (*ibidem*).

Bowen incorporou em sua teoria, achados da pesquisa realizada em 1961 por Walter Toman sobre a posição entre os irmãos. Toman propôs que as configurações familiares originais influenciam em características da personalidade de cada irmão. Por exemplo, irmãos mais velhos tendem a ser líderes responsáveis, enquanto irmãos mais novos podem ser mais dependentes. Essas posições de nascimento de cada irmão, afetam o ajuste de personalidade e podem prever o relacionamento entre parceiros conjugais (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

Apesar da tendência para certo tipo de funcionamento, Bowen considera que essas dinâmicas não consistem em uma regra fechada, portanto a dinâmica familiar deve ser avaliada como um todo, considerando as funções assumidas por cada um sem juízo de valor, pois não há posições melhores ou piores, apenas diferentes. As posições dos pais em sua família de origem também importam à medida que dão indícios de seu funcionamento, ajudando a compreender o relacionamento conjugal e as dinâmicas familiares (*ibidem*).

O processo de projeção familiar diz respeito à transmissão dos níveis de diferenciação de *self* dos pais para os filhos, sendo uma dinâmica essencial nos sistemas familiares. Este processo frequentemente se manifesta em triângulos familiares, nos quais um dos filhos se torna mais emocionalmente envolvido com os pais, respondendo à tensão entre eles com comportamentos que lhes chamam a atenção. Em resposta, os pais podem concentrar sua atenção nesse filho, trabalhando em conjunto para resolver a 'problemática' manifesta (Otto; Ribeiro, 2020).

Quando um padrão de triângulo se torna rígido e persistente, cria-se uma dificuldade na diferenciação de *self* do filho triangulado, resultando em uma menor capacidade de distinção dos outros membros da família, incluindo seus irmãos, o que o torna mais vulnerável ao desenvolvimento de sintomas emocionais e psicológicos. Casos em que a projeção é intensa, a criança pode desenvolver uma grande sensibilidade à ansiedade na família, reverberando em um nível de diferenciação do *self* na idade adulta inferior ao dos pais, afetando sua capacidade de lidar com o estresse e as relações interpessoais (*ibidem*).

O processo emocional societário envolve a compreensão de que todos os grupos sociais, incluindo organizações e a sociedade em geral, possuem dinâmicas emocionais que, em momentos de ansiedade elevada, tendem a suprimir o pensamento racional e fortalecer o senso de pertencimento, levando à fusão emocional. Esses períodos de intensa ansiedade são descritos como regressão social, desencadeando conflitos (Otto; Ribeiro, 2020).

Durante uma regressão social, a sociedade gradualmente perde contato com seus princípios fundamentais e passa a tomar decisões cada vez mais influenciadas pela emotividade, visando aliviar a ansiedade imediata. Isso pode resultar em sintomas sociais como aumento da criminalidade, violência, divórcios, polarização política, decisões desprovidas de princípios, aumento do uso de drogas, falências e enfraquecimento das responsabilidades em detrimento dos direitos. Esse período de regressão social também gera um processo de triagem, no qual a ansiedade da sociedade é deslocada para grupos mais vulneráveis, de forma semelhante ao processo de projeção familiar. Em situações de ansiedade crônica, dois grupos se unem para melhorar seu funcionamento à custa de um terceiro grupo. Geralmente, os grupos que suportam a tensão da sociedade são estigmatizados como doentes mentais ou antissociais, como exemplificado pelos autores em relação à população carcerária (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

Todas as sociedades humanas passam por ciclos de regressão e equilíbrio, no entanto a mudança significativa só ocorrerá quando os membros da sociedade assumirem a responsabilidade por aumentar sua capacidade de agir de forma racional, com consideração pelos outros. Aqueles que buscam a autorregulação e uma maior diferenciação de *self* são particularmente conscientes de sua responsabilidade em relação aos outros (*ibidem*). Portanto, a diferenciação é importante não somente a nível individual, como também a nível social.

Nos tópicos seguintes, o conceito de transgeracionalidade, assim como diferenciação do *self* e corte emocional, são aprofundados.

2.1.1 Diferenciação de *self*

Para falar da diferenciação de *self*, a compreensão das forças associadas se faz necessária: a força de pertencimento e individuação. A força do pertencimento inclina os indivíduos à participação no grupo, induz a seguir o fluxo dos demais, mantendo a conexão emocional e a homeostase ao acatar as orientações dos membros do sistema. De maneira recíproca, os outros membros do grupo recebem orientações a respeito de como se relacionar uns com os outros (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

No outro contraponto, está a força da individuação, capacidade desenvolvida pelo indivíduo para funcionar no mundo de forma competente, com base nos próprios princípios, sem ser comandado pelas demandas e pressões do grupo (*ibidem*). Essa força decorre da habilidade humana de raciocinar e, portanto, diferenciar emoções e pensamentos. Bowen desenvolveu uma escala de diferenciação de *self* que contribui para a compreensão do processo de desenvolvimento e amadurecimento do indivíduo, bem como para a análise das respostas significativas, funcionamento e disfunções que ocorrem nos contextos relacionais (Martins, *et.al.*, 2008). A escala varia de 0 a 100 e conta com quatro quadrantes de 25, como forma de ilustrar o processo de desenvolvimento pessoal (Otto; Ribeiro, 2020).

Os indivíduos que se encontram no extremo da polaridade inferior da escala, até 25, são caracterizados por uma profunda fusão do eu e uma escassa diferenciação, enquanto indivíduos posicionados entre os níveis 50 e 75 da escala apresentam um maior grau de diferenciação e um nível significativamente menor de fusão. Esses indivíduos têm opiniões bem estabelecidas sobre questões fundamentais, no entanto, enfrentam uma pressão significativa para se conformar. Sob tensão, eles podem ceder a um acordo superficial e tomar decisões baseadas em emoções, evitando assim desagradar aos outros e preservando suas próprias convicções (Bowen; *et al.*, 2010, tradução nossa).

Toda criança nasce em estado de fusão, indiferenciada em relação à sua família. Durante o processo de desenvolvimento o objetivo é diferenciar-se, visando a autonomia e independência. Significa, com isso, afirmar uma identidade própria, singular, garantindo o direito de pensar e expressar-se independentemente dos valores defendidos pela família (Martins; *et al.*, 2008)

A diferenciação de *self* é um conceito que abrange tanto aspectos intrapsíquicos quanto interpessoais, refere-se à habilidade de pensar e refletir, não respondendo automaticamente a pressões emocionais, sejam elas internas ou externas. Reflete também a capacidade individual de autorregulação das emoções, habilidade de desenvolver a individualidade sem deixar de pertencer ao sistema familiar de origem, assumindo e mantendo o controle consciente da própria vida. Trata-se da aptidão em ser flexível e agir de forma sábia, mesmo em situações de ansiedade (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

No entanto, é importante destacar que todos carregamos questões inconclusas, muitas vezes na forma de emoções não resolvidas que podem ser ativadas em relacionamentos intensos, independentemente do ambiente em que nos encontramos. Devido à falta de consciência quanto ao próprio papel nos conflitos familiares, a maioria das pessoas tende a repetir esses padrões em novos relacionamentos. A capacidade de desenvolver personalidades autônomas, o que geralmente ocorre no contexto da família de origem, não apenas descreve um desenvolvimento saudável, mas também serve como um caminho psicoterapêutico para o crescimento pessoal (Nichols; Schwartz, 2007).

Em sua própria jornada de autodescoberta, Bowen percebeu a importância de se desatar dos pais e do padrão de triangulação presentes em sua família. Compreendeu que as questões emocionais não resolvidas continuam a afetar os indivíduos e torná-los vulneráveis a repetir conflitos familiares penderes. O caminho para alcançar a diferenciação do *self* é desenvolver relacionamentos individuais, tanto com da um dos pais, quanto com o maior número possível de membros da família ampliada. A diferenciação em relação à família é percebida quando esses relacionamentos são mantidos sem reatividade emocional ou triangulação (*ibidem*).

2.1.2 Transgeracionalidade

Eu, e todos vocês, vivemos prisioneiros de uma invisível teia de aranha, da qual somos também mestres de obras.[...] Somos, afinal, menos livres do que acreditamos.

Anne Ancelin Schutzenberger, 1997.

O processo de transmissão multigeracional, um dos conceitos centrais da teoria de Bowen, é amplamente utilizado e fundamenta a Escola Transgeracional. Ao incluir as gerações anteriores na análise do indivíduo ou família em atendimento, é possível ampliar a compreensão, reconhecendo a influência das interações ocorridas antes mesmo do nascimento do indivíduo, em seu desenvolvimento e em componentes que são repetidos (Costa, 2010).

Esse processo de transmissão diz respeito à maneira como os padrões de relacionamento dos membros da família refletem um processo previsível e ordenado ao longo de várias gerações. Os padrões são influenciados pela geração anterior, resultando em consequências previsíveis na geração seguinte e envolvem emoções, valores, crenças e atitudes transmitidas de uma geração para outra, com o objetivo de facilitar a adaptação ao ambiente (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

A transmissão ocorre através de camadas interconectadas, que incluem ensinamentos conscientes dos pais para os filhos, bem como programações automáticas e inconscientes de reações e comportamentos emocionais. Nessa interação a diferenciação do *self* dos membros da família é moldada (*ibidem*).

O grau de diferenciação de *self* dos filhos distingue-se do nível dos pais a medida em que os padrões de relacionamento, geralmente, resultam em pelo menos um membro de um grupo de irmãos desenvolvendo um nível de diferenciação um pouco mais elevado e outro membro desenvolvendo um nível mais baixo do que o dos pais. Essa discrepância entre os irmãos têm implicações no desenvolvimento do sistema familiar. O irmão com maior nível de diferenciação em relação aos pais tende a formar um sistema familiar mais diferenciado e com melhor capacidade adaptativa, enquanto o irmão com nível mais baixo de diferenciação formará um relacionamento menos diferenciado, tornando o sistema mais desafiado em realizar adaptações necessárias ao longo do ciclo de vida (Bowen, 1993, tradução nossa).

Tentar fugir desse processo transgeracional por meio da quebra de vínculo com o sistema familiar, de acordo com Bowen (1993), é tentar escapar da família, o que indica que a pessoa é tão emocionalmente dependente quanto aquela que nunca deixou o lar. Essa tentativa de fuga é abordada pelo conceito de corte emocional, que descreve como as pessoas gerenciam seus conflitos familiares ao reduzir ou eliminar o contato emocional com os membros do sistema. Essa estratégia pode incluir afastar-se da família mantendo apenas contato esporádico, ou viver com a família evitando tratar de questões delicadas, caracterizando uma fuga ou isolamento emocional (*ibidem*).

Embora os relacionamentos possam parecer melhores quando as pessoas estão distantes, devido à redução da tensão do sistema, os problemas não são resolvidos e tendem a emergir em novos relacionamentos. O corte emocional não é uma atitude exclusiva da pessoa que foge fisicamente, mas um processo de distanciamento emocional que todo o sistema trabalha para manter. Tanto o indivíduo que foge, quanto sua família, podem se sentir exaustos após uma breve visita, e a ansiedade pode ser tão grande que a saída dele pode gerar sensação de alívio nos outros membros. Apesar de contrariar o desejo da família, as reações emocionais intensas impedem o contato e dificultam a resolução dos conflitos (Kerr, 2019, tradução nossa).

Um aspecto importante do conceito transgeracional é que as raízes de problemas humanos graves, bem como de níveis mais elevados de adaptação humana, derivam do processo de transmissão, que não apenas programa os níveis de desenvolvimento do *self* mas também influencia o modo que as pessoas interagem e se relacionam (Bowen; *et al.*, 2010, tradução nossa).

2.1.2.1 Estressores verticais

Carter *et al.* (1995), consideram que o fluxo de ansiedade gerada dentro do sistema familiar, alvo de estudos de Bowen, desencadeiam estressores horizontais e verticais. Os estressores horizontais dizem respeito a aspectos desenvolvimentais e imprevisíveis do ciclo de vida familiar, já os verticais, tratam-se de elementos transgeracionais.

Wagner (2014) também destaca esses estressores verticais como padrões de relacionamento e funcionamento transmitidos de geração em geração, categorizando lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, ritos e legados.

As lealdades são forças que fazem do sujeito um membro pertencente ao grupo e conectam as gerações. Os valores são aspectos ideológicos que os membros querem perpetuar. As crenças consistem em pressupostos que definem o que é certo e errado e constituem a identidade do grupo. Os mitos são elementos explicativos para aspectos da vida dificilmente compreensíveis, constituídos grande parte de forma inconsciente. Os segredos encobrem informações sobre o que diz respeito a elementos não aceitos socialmente ou pela família, que não correspondem ao padrão. Os ritos têm a ver com cerimônias por meio das quais os mitos, valores e comportamentos são ensinados aos membros e assim perpetuados. Já os legados, revelam os principais aspectos da família atual que devem ser preservados (WAGNER, 2014).

Portanto, um estudo transgeracional permite compreender melhor as lealdades assumidas pelo indivíduo dentro do seu sistema, considerando captar informações de forma retrospectiva, lembranças dos vivos em relação aos falecidos, o que os familiares sabem sobre sua família, o que as move e o que está implícito nas entrelinhas das relações e que foi transmitido, da perspectiva da família (Schutzenberger, 1997).

2.1.3 Corte emocional

O conceito de corte emocional diz respeito a uma estratégia assumida para lidar com a indiferenciação e vínculos emocionais não resolvidos com a família de origem. Todas as pessoas mantêm algum grau de ligação emocional não resolvida com seu sistema familiar nuclear ou ampliado pois as experiências emocionais com membros da família podem deixar sentimentos não processados, como amor, segurança, confiança ou medo em relação a essas figuras de apego (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

Por meio do corte emocional, o indivíduo se afasta da família, seja física ou emocionalmente, por vezes, justificando o comportamento como uma ação em busca de independência. Geralmente, a pessoa nega a dependência emocional dos outros e pode trocar de relacionamentos quando enfrenta dificuldades emocionais. A capacidade de gerenciar adequadamente esses apegos não resolvidos está relacionada ao nível de diferenciação do *self* de uma pessoa, quanto menor o nível de diferenciação, maior é o grau de apego não resolvido (*ibidem*).

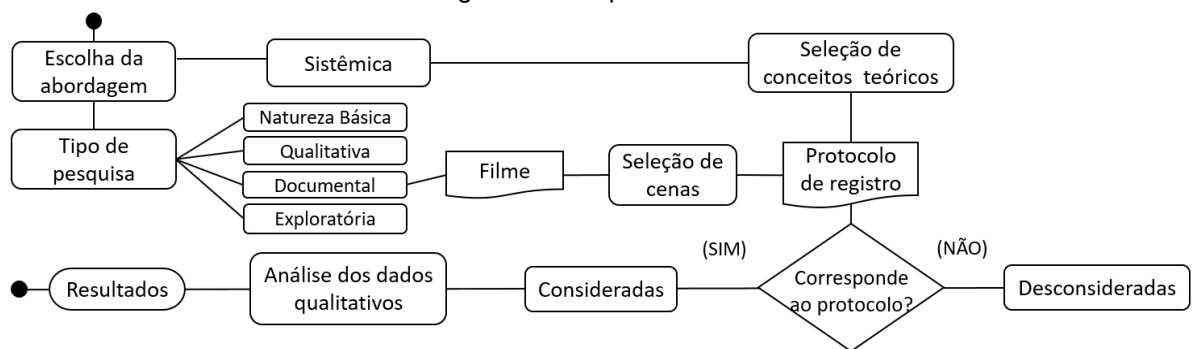
A avaliação do isolamento emocional não é determinada apenas pela distância física, mas pela qualidade do contato emocional entre as pessoas. Um alto nível de qualidade não significa total honestidade ou harmonia, mas sim respeito mútuo e a capacidade de ouvir e responder às necessidades emocionais uns dos outros. O grau de isolamento emocional pode afetar os relacionamentos e a capacidade de lidar com o estresse, o que indica que pessoas mais isoladas podem ser mais vulneráveis ao desenvolvimento de sintomas ou a buscar novos relacionamentos em momentos de dificuldade (*ibidem*).

O corte emocional pode ser tanto um processo emocional automático quanto uma escolha consciente. Muitas vezes, a decisão de cortar os laços é tomada sem muita reflexão, consistindo uma reação a um processo contínuo de relacionamento com a família. Este conceito auxilia na compreensão de como os padrões de relacionamento e o grau de isolamento emocional podem afetar o funcionamento das famílias e dos indivíduos (*ibidem*).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza básica e qualitativa, cujos “achados da pesquisa são apresentados não em números, mas em palavras e figuras” (GIL, 2021, p.16). Teve como objetivo investigar como a transgeracionalidade familiar pode interferir no processo de diferenciação de *self* sob a perspectiva da Escola Transgeracional, propondo elementos para reflexões por meio de pesquisa documental, tendo como fonte a obra cinematográfica "Viva: A vida é uma festa". Quanto aos objetivos, é de caráter exploratório. A figura 01 apresenta o mapa de dados referente às etapas percorridas.

Figura 01 - Mapa de dados



Fonte: Autoria própria (2023).

Conforme representado na figura 01, o estudo iniciou pela escolha da abordagem teórica e os conceitos deram origem às categorias que compuseram o protocolo de registro para coleta dos dados: ‘diferenciação’, ‘pertencimento’, ‘transgeracionalidade’ e ‘corte emocional’. As cenas correspondentes aos conceitos foram consideradas para análise e os dados coletados a partir da fonte documental foram relacionados à teoria, descritos no tópico de análise dos resultados.

O filme "Viva: A vida é uma festa", de 2017 (título original em inglês: *Coco*), ambientado no México durante o tradicional *Dia de los Muertos*, foi lançado pela Pixar e disponibilizado na plataforma Disney+. A trama gira em torno de Miguel Rivera e sua família. Miguel pertence a uma família de sapateiros que proíbe qualquer envolvimento com música, uma regra que remonta a gerações após um acontecimento misterioso envolvendo seu tataravô. No entanto, pelo desejo de seguir seus sonhos musicais, Miguel desafia bagagens transgeracionais.

O referido filme foi assistido para análise geral do conteúdo e das possíveis relações com a teoria. Verificando possibilidades de conexões, o material foi assistido repetidamente para análise mais minuciosa das cenas, interações e falas convergentes aos construtos teóricos da Escola Transgeracional, com foco nos processos de transmissão multigeracional e diferenciação de *self*.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O filme 'Viva: A Vida é uma festa!', faz o recorte de um momento da vida de Miguel com sua família durante a comemoração do *Día de los Muertos*, no México. A comemoração anual dessa data faz parte da cultura local e aporta valores e crenças de um povo em relação à sua ancestralidade, à vida e à morte (Botelho, *et al.*, 2019). Tal ritual comemorativo é integrado pela família do protagonista, os Rivera.

A história começa com Miguel contando como se sente sobre sua família: "Tem horas que me sinto castigado por uma coisa que aconteceu antes mesmo de eu nascer" (VIVA, 2017). O desabafo do menino concentra o ponto divisor de águas no processo de diferenciação de *self* do protagonista em relação à massa de ego familiar. Bowen (1993; 2010, tradução nossa), infere que essa massa de ego está relacionada a um conjunto fundido de egos, equivalente a um único ego. A fusão emocional envolve os membros da família e quanto mais intenso o grau de fusão, mais aumenta o emprestar ou tomar emprestado, o dar e o compartilhar o *self* dentro do grupo familiar, perpetuando a fusão. Esse estado de fusão é inerente a todo ser humano quando nasce, no entanto, o objetivo é alcançar a autonomia e diferenciar-se gradativamente durante o processo de desenvolvimento (Martins *et al.*, 2008).

Miguel narra que sua família é "a única família do México que detesta música" (VIVA, 2017), porém considera que nesse sentido, não é como o resto da família, ele ama música: "Eu sei que não deveria amar música, mas não é culpa minha, é dele: Ernesto de la Cruz" (*ibidem*). Mesmo sabendo do desagrado da família diante daquilo que ele ama, o menino investe em seu sonho, ainda que, no primeiro momento, de forma escondida. Nessa trajetória, é a história do ídolo que serve como motivação, pois mostrava ser possível um menino da pequena cidade fazer sucesso, viver seu sonho e se realizar por meio da música.

Por muito tempo o altar do seu ídolo, símbolo do sonho e parte do seu próprio *self* e individualidade, ficou escondido por conta da proibição da família em relação à música. Esse antagonismo entre pertencer ao respeitar as regras *versus* seguir suas próprias aspirações, assumindo o risco das consequências, diz respeito às duas forças que coabitam em todo ser humano: pertencer e individualizar (Almeida, 2016).

A coragem para concretizar seus sonhos começa a despertar quando Miguel percebe uma centelha de esperança de pertencer ao sistema familiar, convencendo a família com argumentos, apontando uma parte negada, mas que ainda assim, era parte do sistema - um dos seus ancestrais foi um músico de excelência e sucesso. Nessa perspectiva, o lema da "família como um guia" (Viva, 2017), fazia sentido diante do seu sonho - seu ancestral músico poderia guiá-lo.

Miguel conta que "Há muito tempo existia uma família. O *Papá* era músico, ele e a família cantavam, dançavam e eram felizes, mas o *Papá* tinha um sonho de cantar para o mundo. Um dia ele partiu com seu violão e nunca voltou" (Viva, 2017). Essa é a perspectiva conhecida por Miguel, a história vivida e contada pela ótica da tataravó, passada de geração em geração até chegar ao menino. Depois que o marido foi embora, a *Mamá* Amélia eliminou toda a música de sua vida e percebeu a necessidade de dar um jeito de se virar sozinha. Foi então que aprendeu a fazer sapatos para sustentar ela e à filha, já que "não podia ficar chorando pelo músico que se mandou" (*ibidem*).

A profissão, assim como a empresa, foi passada para as gerações seguintes como um legado. Um estudo realizado por Bacal e colaboradores (2014), demonstra que as gerações mais recentes que optam por perpetuar o legado seguindo a mesma profissão que seus antecessores, buscam trilhar seu próprio caminho dentro da carreira e diferente das gerações passadas, priorizam sua diferenciação pessoal, sua própria maneira de se desenvolver e crescer profissionalmente.

Para transmitir esse legado profissional, a família Rivera apresenta um rito. Como uma forma de evitar que Miguel se afaste do sistema emocional, a família entrega o avental de sapateiro ao menino, um ato de reconhecimento e promoção, para, assim como os demais membros, ele fazer parte da produção de sapatos: "você é um Rivera e os Rivera são sapateiros" (Viva, 2017). Ritos são demarcações de transições evolutivas na vida dos membros da família, são atos simbólicos que transmitem a mensagem de pertencimento a tudo o que, nesse caso, o avental simboliza - o sistema familiar com suas atitudes e comportamentos convergentes (Wagner, 2014).

De acordo com Wagner (2014) os legados revelam às gerações seguintes os valores do sistema atual, considerando que estes são aspectos ideológicos que os membros querem perpetuar e devem ser passados adiante. Junto com a empresa, também foi transmitida a crença de que "a música destruiu a família, mas os sapatos reconstruíram" (Viva, 2017). As crenças ditam o que é certo, definindo o que deve ou não ser incorporado pela família, constituindo assim, a identidade do sistema. As crenças dentro do ambiente familiar são especialmente importantes como vínculos de ansiedade, constituindo-se como parte do pseudo-self (falso eu). É uma força incorporada como uma lente para enxergar a vida, extremamente persuasiva, que inclina o sujeito a vislumbrar o mundo da forma como ele imagina, deseja ou teme que seja (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

A proibição da música dentro do sistema, estava relacionada a um evento ocorrido entre o *Papá* e a *Mamá* Amélia, antes mesmo do nascimento da avó de Miguel, e centraliza uma das mais importantes regras impostas na família Rivera. Segundo Almeida (2016) as regras familiares são leis internas moduladoras, marcam os indivíduos e constituem a forma de pensar, atuando como se fossem mandamentos. Por mais que a regra sobre não entrar em contato com a música seja explicitada no sistema da família, parte dela era implícita no que diz respeito a como essa regra se constituiu, porém ela é seguida e aceita como parte da lealdade do grupo. Os membros passam a seguir sem questionar. "O essencial das regras, se consegue por experiência, "na nossa família", logo, não explicado" (Schutzenberger, 1997, p.30).

A lealdade marca o pertencimento ao grupo e a força do pertencimento, por sua vez, inclina os indivíduos à participação, induz a seguir o fluxo dos demais, mantendo a conexão emocional e a homeostase grupal (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa). Ser leal torna o sujeito um membro efetivo e em troca, há exigências de comprometimento com os mandamentos familiares, o que cria vínculos entre os membros e conecta gerações. As expectativas do grupo são interiorizadas pelo sujeito e as suas atitudes passam a ser direcionadas pelos mandamentos, ainda que de forma não consciente (Wagner, 2014). Tal dinâmica seguida à risca e sem questionamento, obstaculiza o processo de diferenciação.

Em um dia de trabalho, Miguel encontra um *Mariachi* na praça, que o encoraja a cantar num evento e mostrar seu talento ao mundo. O menino revela a impossibilidade de tal feito, pois sua família surtaria. Nesse momento recebe de volta o problema para si: "se não tem coragem, divirta-se fazendo sapatos" (Viva, 2017). A avó chega na hora em que o menino encosta no violão e ao ver a cena, ela agride e manda embora o músico que estava conversando com o menino.

Devido à crença de que a música destruiu a família, a avó considera esta um perigo de vida do qual precisa proteger o grupo. Para lidar com um membro da família que se interessa pela música, o único caminho conhecido é o da exclusão, e embora o objetivo da família não seja excluir de fato, é como se este fosse o resultado

inevitável. Toda a família concorda com a avó, proibindo o menino de ir à praça, até mesmo para trabalhar de engraxate. Esse comportamento dos membros, demonstra mais uma vez a lealdade ao sistema de crenças da matriarca.

O comportamento da família em relação à música e ao sonho de Miguel, não podia mais ser totalmente explicado no momento atual, pois era resultado de acontecimentos vividos pelas gerações passadas. No entanto, de acordo com Almeida (2016) aquilo que permanece não resolvido no contexto familiar perdura no âmbito do sistema até que haja uma oportunidade de se manifestar. Essa problemática envolve a repressão dos sentimentos dolorosos vividos por gerações, a exclusão do tataravô do seio familiar, o não processamento do luto perpetuado pela matriarca, e sentimentos de culpa decorrentes de ações ou comportamentos considerados inadequados pela família, como amar a música e o abandono que agora está ligado à música também - ser músico é abandonar o sistema familiar.

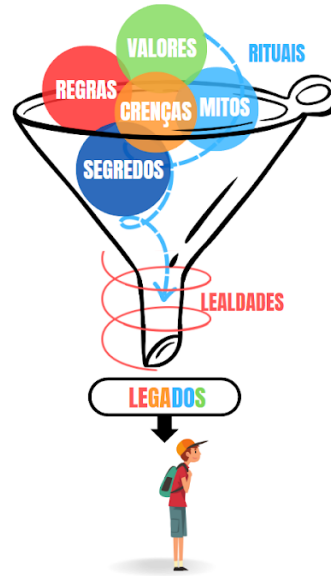
Em muitas situações, famílias mantêm segredos sob o pretexto de preservar a honra familiar, e, em algum ponto da trajetória histórica, esses segredos podem vir à tona na forma de sintomas (Almeida, 2016). Um dia a música foi motivo de vínculo dentro da família Rivera, e para que não se repita, criam-se os segredos, especialmente em torno do tataravô. No entanto, “o segredo é sempre um problema” (Schutzenberger, 1997, p.74) não se podia mencionar o nome do patriarca na intenção de afastar a possibilidade de uma nova vivência dolorosa de abandono dentro do sistema. No entanto, todo o suposto problema vem à tona quando Miguel decide seguir seu sonho.

O chamado *Papá da Mamá Inês*, o homem excluído da família, é a representação de um mito que se constitui na vida de Miguel como o maior impedimento para sua auto realização. O mito é um sistema explicativo, define algumas atitudes do grupo familiar para manter a coesão interna e proteção externa, com origem em pensamentos defensivos. Os mitos escurecem ou negam a realidade que seria dolorosa para a família aceitar, indicando segredos e crenças inconscientes que se perpetuam por gerações (Wagner, 2014).

De forma acidental, Miguel vê uma foto do tataravô ao lado de seu violão, que era igual ao violão de seu ídolo musical, indicando que eles poderiam ser a mesma pessoa. A única pessoa que poderia confirmar seria a *Mamá Inês*, mas seu adoecimento não permitia que ela confirmasse a suspeita. Na euforia do momento, o menino revela à família que quer ser músico como o tataravô, lembrando o pai de ter dito a ele que a família é como um guia, ou seja, ele não deixaria de pertencer ao sistema uma vez que ser músico fazia parte. A família resiste, a avó destrói o instrumento do menino e o ameaça: “Quer acabar esquecido como aquele homem?” (Viva, 2017), o patriarca cujo nome nunca era mencionado.

Certamente, a resistência era a reação estruturada para responder diante da percepção de uma ameaça aos pilares da família, constituídos por elementos perpassados transgeracionalmente. Esse processo de transmissão diz respeito à maneira como os padrões se repetem com o objetivo de facilitar a adaptação ao ambiente (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa). A figura do tataravô e tudo o que o lembrava e representava, era negado pois constituía o mito, alimentava o segredo, estruturava as crenças, era lembrado nos ritos, perpassado pelo legado e perpetuado pela lealdade dos membros pertencentes. A figura 02 demonstra a inter-relação entre os fenômenos transgeracionais, considerados estressores verticais do sistema familiar.

Figura 02 - Interação entre os fenômenos transgeracionais (estressores verticais).



Fonte: Autoria própria (2023).

Os legados familiares constituem a bagagem do indivíduo, as aprendizagens adquiridas e os comportamentos assimilados. Na figura 02, inspirada em Wagner (2014) e Carter *et al.* (1995), a mochila simboliza os conteúdos recebidos transgeracionalmente e que podem ser perpetuados mantendo o sentimento de pertencimento. Na família Rivera, o pior castigo por comportamentos contrários à orientação do sistema era a exclusão, o não pertencimento. Ainda que o argumento de Miguel sobre seu tataravô parecesse suficiente para desmistificar a relação com a música, há resistência e não compreensão da família, o que deixa o menino confuso, triste e furioso. Ele chora, insiste nos fatos e, por último, reage e foge dizendo: “ - Não quero mais fazer parte dessa família” (Viva, 2017).

Chegou ao ponto em que manter-se pertencente, nesses termos, estava sendo um peso para Miguel, por esse motivo ele foge, tentando manejar a situação para ser mais suportável. A fuga de Miguel representa uma forma de corte emocional, tipo de manejo da indiferenciação e da ansiedade associada entre as gerações. A indiferenciação se relaciona ao pertencimento, e a fusão emocional do membro com a família tem como base um apego ansioso, que pode se manifestar como dependência ou isolamento (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa). Miguel tenta diferenciar-se da família ao isolar-se dela, no entanto, a pessoa demasiado dependente, assim como a emocionalmente isolada, respondem ao estresse com reatividade emocional. A fuga como tentativa de rompimento é uma reatividade emocional e não torna o indivíduo mais diferenciado (Nichols; Schwartz, 2007, p. 137).

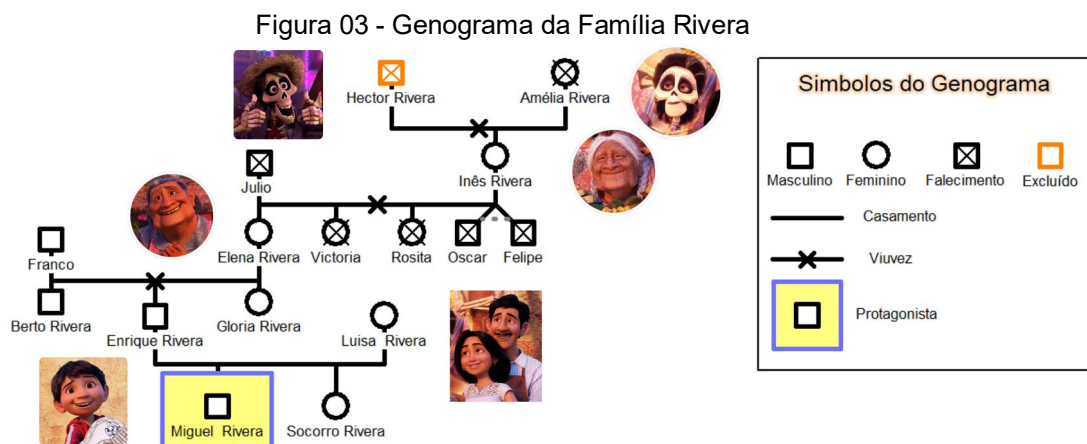
Schutzenberger (1997) infere, a partir de sua experiência clínica, que a perspectiva de distância física devido à fuga, não torna o sujeito livre do que ele próprio considera como dívidas perante a família de origem. Quando a família aparece no lugar onde Miguel está cantando e não percebem que ele está no palco, Miguel os avista primeiro e novamente foge. Esse mecanismo de reação se repete quando seu amigo Hector quer o levar de volta à família contra sua vontade. O desejo pela individuação é capaz de conduzir o indivíduo a romper com o grupo familiar e se manter desconectado dele (Almeida, 2016).

O filme retrata o contato de Miguel com o mundo dos mortos no *Día de los Muertos*, o que pode ser compreendido pela perspectiva Sistêmica como uma forma simbólica do resgate de gerações anteriores para compreender as dinâmicas atuais. O menino é levado ao mundo dos mortos, no qual conhece seus antepassados, suas histórias, personalidades e dores. Essa oportunidade de contato permitiu ao menino conhecer melhor suas origens e por consequência, seu próprio autoconhecimento é promovido.

Para voltar ao mundo dos vivos, ao qual pertence, Miguel precisa da bênção de um familiar, antes que o dia termine. No entanto, quando a *Mamá Amélia* vai dar sua bênção, ela exige em troca a lealdade ao sistema, que é nunca mais tocar em um instrumento. O menino não aceita, ele prefere o risco de morrer, pois está decidido em seguir seu sonho e ser aceito, o que representa o anseio por pertencer e individualizar. No mundo dos mortos, ele vai atrás da bênção de seu tataravô músico para que possa voltar ao mundo dos vivos e realizar seu sonho em vida, pertencendo ao sistema e sendo ele mesmo.

A investigação da história e das relações familiares oferece o contexto do sujeito. Para mapear informações do sistema no qual está inserido, sua composição, a dinâmica de funcionamento e interações, pode-se utilizar o Genograma, ferramenta amplamente utilizada na área da saúde pública e universalmente aceita (Barbosa, *et al.*, 2015). A técnica do Genograma Familiar consiste em uma representação gráfica do mapa da família e é importante para a coleta e organização de dados relevantes sobre o sistema familiar multigeracional, permitindo a formulação de hipóteses clínicas a partir da compreensão de padrões e suas perpetuações, que dão indícios também de possíveis repetições futuras (Wendt; Crepaldi, 2008).

A figura 03 ilustra o Genograma da família Rivera, considerando até a quarta geração anterior à Miguel. O contexto vivido por Miguel em uma família de predominante matriarcado, constituiu-se de tal forma devido a sua história. Homens se ausentaram e mulheres assumiram as rédeas para sobreviver conforme possível, o que contribui para que protagonista se posicionar como homem e músico seja desafiador, à medida em que se depara com a força e a rigidez das regras dessas mulheres - mães, avós, tias e primas - comprometidas em manter a lealdade e a sobrevivência do sistema.



Fonte: Autoria própria (2023).

A figura 03 inclui os membros falecidos das gerações anteriores e as fotos ilustram os personagens mais interativos nas cenas e na história. Uma das repetições que se percebe na imagem é a viuvez das mulheres: os maridos, por duas gerações, faleceram primeiro, portanto em algum momento cada uma delas precisou cuidar da família sem os parceiros. Embora o marido da *Abuelita* Elena estivesse vivo durante o recorte do filme, ele não manifesta interações, aparecendo somente em um breve momento. Outro elemento que sugere a presença forte das mulheres na família e a omissão das figuras masculinas, remetendo à ideia de uma complementaridade de comportamentos, pois a medida que um membro assume uma função dentro de um sistema, outros indivíduos não irão desempenhá-la (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

Almeida (2016, p.23), apresenta a família como um “sistema de relações humanas contínuas que estão sempre interconectadas.[...] Essas interações são exprimidas por palavras, pelo toque, os olhares, a postura do corpo e os outros comportamentos verbais e não verbais”. Como exemplo, a *Abuelita* manda na casa dos Rivera como a *Mamá* Amélia fazia, ambas dizem serem muito duras por cuidado, exigindo distância da música. As matriarcas demonstram uma família de mulheres fortes, que acreditavam, por suas experiências dolorosas, que precisavam ser assim para manter a ordem necessária, mas apesar disso, a maneira carinhosa de chamar e de abraçar Miguel também é algo que se repete.

O conceito de família para Bowen consiste em este sistema ser o *locus* do desenvolvimento humano (Otto; Ribeiro, 2021). Para os Rivera, ser família é sinônimo de obediência às regras e tradições, e concordância com os componentes da identidade familiar. Porém, Miguel entende que família é apoio, independente se as escolhas de um membro estão ou não de acordo com as regras familiares, dessa forma, não compreende o comportamento da família que insiste em afastá-lo da música. Ele diz para a tataravó: “por que não pode estar do meu lado? É o que a família deveria fazer: apoiar [...] a música é a coisa mais importante pra mim e você quer me tirar isso, nunca vou entender!”.

A partir dessa fala, *Mamá* Amélia, a tataravó, se mobiliza e conta mais detalhes sobre o passado, permitindo-se expor emoções a muito tempo represadas: “eu queria criar raízes, ele queria os palcos e o sucesso. Cada um de nós fez um sacrifício para conseguir o que queria, você precisa escolher” (Viva, 2017). Almeida (2016, p.66) infere que “um dos maiores desafios da maturidade emocional é permanecer conectado com a família de origem e, ao mesmo tempo, buscar a autonomia. Para crescer, precisamos de raízes e de asas”. Esse equilíbrio não foi alcançado pela tataravó, ao invés disso, cristalizou a crença sobre o sacrifício pela família, o que reverbera na vida das gerações posteriores a ela, exigindo um nível de lealdade que não dá espaço para a individuação do protagonista.

Frequentemente as famílias não possuem consciência das duas forças fundamentais em jogo, tornando, assim, as tentativas de individuação passíveis de serem interpretadas como traição, potencialmente resultando na imposição de punições ao indivíduo que busca esse processo. O ápice dessa necessidade de individuação normalmente ocorre durante a adolescência, fase vivida por Miguel, de 12 anos. Se o sistema familiar não apresentar a flexibilidade necessária para abordar os conflitos inerentes a essa fase do ciclo de vida, a rebeldia pode surgir não como uma solução construtiva, mas sim como uma alternativa (Almeida 2016).

Esse período de transição frequentemente é desconcertante para os pais e cuidadores, especialmente quando um filho, que previamente se apresentava como obediente e amoroso, começa a questionar e contradizer as figuras parentais. Diante

desse dilema a família pode enrijecer e impor maiores demandas por lealdade, ou até mesmo desistir do membro, ocasionando o distanciamento. Na realidade, o que se faz necessário compreender é que o ser humano é inerentemente marcado por essas duas forças antagônicas. Ele busca, por um lado, o pertencimento, o sentimento de amor, proteção e aceitação, e, por outro, almeja expressar suas próprias opiniões e atualizar a herança, ou legado, recebido dos pais e avós (Almeida 2016).

O menino não aceita que seja mesmo necessário escolher entre pertencer à família ou seguir seu sonho e questiona o porquê de não poder ter os dois. *Mamá* Amélia canta em desabafo, e nas entrelinhas da canção revela que para ela foi doloroso abandonar a música: "ainda que eu pague com a vida chorona, não deixarei de querer-te" (Viva, 2017). Essa conversa permite que ela entre em contato com sua própria dor diante do abandono da música, o vínculo de amor e afeto que antes a conectava com seu marido e filha.

A atitude de Miguel em seguir seu sonho afeta toda a família, visto que a mudança de um membro repercute em mudanças em outros membros e reconfigura o sistema. Desenterrar os segredos provocou resistência e conflitos familiares, mas proporcionou aos membros o conhecimento da própria história e a flexibilização dos comportamentos enrijecidos, assim como o alívio das emoções dolorosas soterradas com o tempo. Diante do conhecimento da dor de sua tataravó diante do abandono sofrido, ele fala carinhosamente a ela: "Você não precisa perdoar, só não deveria esquecer" (Viva, 2017).

Mamá Amélia revive o sentimento positivo que a música lhe traz, compreende o que houve com o marido que acreditava tê-la abandonado, e ao compreender o que houve, abre-se uma possibilidade para que as feridas do passado sejam curadas. Miguel se percebe liberto da regra familiar que havia sido instaurada. *O Papá*, que não tinha nome, recebeu um rosto e uma história: *Papá* Hector, um pai que amava a família e não conseguiu retornar para casa pois é assassinado por quem considerava ser seu amigo.

Papá Héctor volta a ser lembrado por sua filha que sofreu com a ausência do pai e da música em sua vida, é reconhecido por todos os membros tendo sua foto incluída no memorial familiar, e a música volta a fazer parte da família. Miguel desabafa que em sua vida, sempre se achou diferente, mas ao conhecer o tataravô, reconhece de onde vinha o desejo pela música e revela ao tataravô: "- Eu me orgulho de você! Eu me orgulho da minha família!" (Viva, 2017). Pessoas mais diferenciadas são mais bem-sucedidas em manter uma rede de relacionamentos emocionalmente suportivos. É paradoxal que as pessoas em nível mais baixo na escala de diferenciação tenham uma maior necessidade de relacionamentos emocionalmente suportivos, mas uma menor capacidade em manter uma rede intacta. Uma vez que pessoas pouco diferenciadas também tendem a vir de famílias mais pouco diferenciadas, seus sistemas familiares nucleares e estendidos muitas vezes estão fragmentados. Essa fragmentação isola emocionalmente os indivíduos como resultado da ausência de sistemas de apoio adequados (Kerr; Bowen, 1988, tradução nossa).

O estudo bibliográfico realizado por Fiorini (*et. al*, 2018) apontou associações positivas entre diferenciação de *self* e variáveis relacionadas ao bem estar psicológico e habilidades interpessoais. Colonelli (2021) aponta ainda que pesquisas recentes, utilizando equipamentos de *neurofeedback* e *biofeedback*, corroboram com os princípios da teoria de Bowen e sua eficácia como abordagem terapêutica, sugerindo que um maior nível de diferenciação do *self*, relacionado à regulação emocional autônoma dos indivíduos, está associado com redução nos problemas de saúde física,

condições psicológicas adversas, conflitos conjugais e ocorrência de violência intrafamiliar. Esses achados, por si só, justificam uma investigação mais aprofundada das relações com a realidade observada em nossa sociedade.

“Ao ser mais feliz, mais próspero e mais bem-sucedido do que as nossas gerações passadas, abrimos a possibilidade verdadeira de ajudá-los de fato” (Almeida, 2016, p.76). Quando Miguel retorna para casa, é por meio da música que reconecta *Mamá* Inês ao amor e afeto que o pai sentia por ela, dessa forma os demais membros reconhecem que a música faz bem para a família. Miguel passa a viver seu sonho sem deixar de pertencer ao seu sistema familiar, percebe sentido nas histórias e legados familiares, repassando à sua irmã mais nova a importância da família no intuito de manter viva a memória de seus antepassados.

Ao final do filme, Miguel canta uma canção com toda a família que antes detestava e proibia a música. Fazendo o que ama (elemento de diferenciação) junto com sua família (simbolizando o pertencimento), pode-se perceber que o nível de diferenciação de *self* tanto do menino como de todo o sistema familiar foi elevado, permitindo flexibilizar a regra, acolher e participar da escolha de Miguel.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de investigar como a transgeracionalidade familiar pode interferir no processo de diferenciação de *self* sob a perspectiva Sistêmica foi alcançado mediante às reflexões propostas. Os resultados coletados a partir da análise do filme demonstram que os elementos transgeracionais perpetuados pela família, quando não questionados e elaborados pelos indivíduos, obstaculizam o processo de diferenciação de *self* da massa de ego familiar, tornando o sujeito vulnerável ao adoecimento, assim como os membros do sistema. Tal processo repercute em sintomas na sociedade, uma vez que esta é constituída pelo conjunto de indivíduos.

Frequentemente, a família desconhece a necessidade intrínseca dos indivíduos em pertencer e individuar, e assim como o exemplo dos Rivera, enrijecem cada vez mais as regras para retomar a homeostase do sistema. O adolescente Miguel insiste em trilhar seu próprio caminho e o conflito se instaura devido a necessidade que os membros apresentam de manter a lealdade ao sistema de crenças da matriarca, fortalecendo o pertencimento ao custo de prejuízos à diferenciação e desenvolvimento psíquico destes membros.

O momento em que, devido ao seu desejo de ser músico, o protagonista Miguel precisa enfrentar elementos do legado recebido transgeracionalmente, demarca um ponto crucial em seu processo de diferenciação de *self*. Para conseguir se desenvolver e amadurecer emocionalmente, ele se expõe e se posiciona contrário à lealdade familiar, assumindo a responsabilidade de realizar seus sonhos. Num primeiro momento ele se esconde, com medo de deixar de pertencer, num segundo momento foge diante da resistência da família em apoiá-lo, procurando outros meios para ser aceito, movimento que reverbera em mudanças significativas em cada um os membros à medida que abre caminhos de ressignificação por via do questionamento das regras, crenças, mitos e legados. Por fim, caminha ao equilíbrio.

Ao aprofundar os conceitos de transgeracionalidade familiar, o processo de diferenciação de *self* e como a história de Miguel e sua família se relacionam aos conceitos, pôde-se compreender que estes estão diretamente relacionados às forças principais descritas por Bowen: pertencimento e individuação, respectivamente. A família como o contexto inicial e nuclear para o desenvolvimento humano é a principal

responsável pela transmissão de elementos que facilitem a adaptação deste novo ser ao mundo, no entanto, à medida que este ser se desenvolve, precisa caminhar em direção à individuação, que representa a autonomia e atualização dos elementos recebidos.

O filme “Viva: A Vida é uma festa” revela características culturais que permeiam todo o sistema familiar e o mesmo ocorre com as famílias no contexto clínico. Portanto, revela-se necessário conhecer as especificidades da cultura do indivíduo ou família em atendimento, considerando o contexto regional, as crenças, rituais e tradições macro para a compreensão do que é do indivíduo e do que apresenta respectivo à cultura. O indivíduo é o contador da história em sua perspectiva e o psicoterapeuta recebe a interpretação não como verdade suprema, mas investigando junto ao indivíduo, casal ou família, o contexto do sistema e outras perspectivas possíveis. Esse é o Pensamento Sistêmico na prática: circular, intersubjetivo e complexo.

O nível de diferenciação de *self* exerce influência nos relacionamentos, em como se dá a dinâmica de escolha do cônjuge e constituição de uma nova família. Demandas clínicas oriundas de conflitos e dificuldades em relacionamentos são frequentes e o sofrimento gerado por tais questões é um ponto importante a considerar e trabalhar em contexto de saúde mental. Diferenciar-se é fundamental para a saúde emocional, tanto do indivíduo como dos relacionamentos nos quais estará envolvido. Aqueles que buscam a autorregulação e uma maior diferenciação de *self* são particularmente conscientes de sua responsabilidade em relação aos outros, como foi possível verificar no processo do protagonista. Indivíduos mais diferenciados são menos reativos e capazes de uma autorregulação emocional positiva, constituindo assim, relacionamentos, e por consequência, uma sociedade mais saudável.

O presente estudo limita-se em parte pela natureza da fonte documental, que trata de uma produção fictícia. No entanto, abre espaço para estudos de casos reais posteriores a partir dos conceitos aqui discutidos. A forma dinâmica como o sistema familiar se constitui e sofre alterações diante das demandas individuais e sociais, também influencia na importância de estudos atualizados em campo. É necessária a produção de conhecimento científico no que diz respeito à atuação da Psicologia como promotora de saúde social atuando em micro contextos, como famílias, visto que estas podem compor, além de uma instituição de educação que repercute nos macro contextos sociais, uma das principais redes de apoio dos indivíduos por toda a vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana M. **Heranças familiares**. 1.ed. Brasília: SBE Edições e Produções, 2016.

BACAL, Maria Elisa A.; MAGALHÃES, Andreia S.; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Transmissão Geracional da Profissão na Família: Repetição e Diferenciação. **Psico**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 454–462, 2014. DOI: 10.15448/1980-8623.2014.4.15344. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/15344>. Acesso em: 26 nov. 2023.

BARBOSA, Samara. F. A.; CALIXTO, Paula. R.; DA SILVA, Renata. P.; ALMEIDA, Edmar R.; LACERDA, Wártineê. Ferramentas de abordagem familiar na atenção multiprofissional: um relato de caso. **Revista Saúde.com**, [S. l.], v. 17, n. 3, 2021. DOI: 10.22481/rsc.v17i3.8717. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/8717>. Acesso em: 26 nov. 2023.

BOTELHO, Daira Martins; DARCIÉ, Marina; GOBBI, Maria Cristina. Día de los Muertos no México: Uma análise folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 17, n. 38, p. 200-216, 2019. DOI: 10.5212/RIF.v.17.i38.0012. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19172>> Acesso em: 15 de set. 2023

BOWEN, Murray. **Family therapy in clinical practice**. USA: Jason Aronson, 1993.

BOWEN, Murray; ANDOLFI, Maurizio; DE NICHILLO, Marcella. **De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. 1. ed. Barcelona: Ediciones Paidós, 2010.

BUCHER-MALUSCHKE, Julia. S. N. Ferro. **Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise: A transmissão geracional em diferentes contextos**. São Paulo: Summus, 2008.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

COLONELI, Vera Lucia Ladeira. Conversando com a mídia. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 30, n. 71, p. 109-110, 2021. Disponível em: <<https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/676/501>> Acesso em 08 de out. 2023.

COSTA, Liana Fortunato. A perspectiva Sistêmica para a clínica da família. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, p. 95-104, 2010.

FIORINI, Milena Carolina; MULLER, Fernanda Graudenz; BOLZE, Simone Dill Azeredo. Diferenciação do self: revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. **Pensando Famílias**. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 146-162, jun., 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Grupo GEN, ed.7, 2021. E-book. ISBN 9788597020991. Disponível em:<<https://integrada.minha.biblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>>. Acesso em: 17 de jan. 2023.

GRANDESSO, Marilene. Desenvolvimentos em terapia familiar: das teorias às práticas e das práticas às teorias. **Manual de terapia familiar**, Porto Alegre, v. 1, p. 104-118, 2008.

KERR, Michael E. **Bowen theory's secrets: Revealing the hidden life of families**. Londres: *WW Norton & Company*, 2019.

KERR, Michael E.; BOWEN, Murray. **Family evaluation**. Londres: *WW Norton & Company*, 1988.

MARTINS, Elizabeth M. A.; RABINOVICH, Elaine P.; SILVA, Célia N. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Psicologia USP**, v. 19, p. 181-197, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psusp/a/c4n7TCZkSjxGNvtbLfBpNGt/?lang=pt>> Acesso em: 16 de set. 2023

NICHOLS, Michael. P.; SCHWARTZ, Richard C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OTTO, Ana Flávia N.; RIBEIRO, Maria A. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 79-95, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 01 nov. 2023.

OTTO, Ana Flávia N.; RIBEIRO, Maria A. Fundamentos Epistemológicos da Teoria de Murray Bowen. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 30, n. 70, p. 51–63, 2022. Disponível em: <<https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/614>> Acesso em: 1 nov. 2023.

WENDT, Naiane C.; CREPALDI, Maria A. A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 2, p. 302–310, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/HTp4WpTfcphN7vzbyfSpcGf/abstract/?lang=pt#>> Acesso em: 1 nov. 2023.

SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin. **Meus Antepassados**. 1.ed. São Paulo: Paulus Editora, 1997.

VASCONCELLOS, Maria J. Esteves de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**.ed.10. Campinas: Papyrus, 2013

VIVA: A vida é uma festa. Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2017.

WAGNER, Adriana. **Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares**. 1.ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.